

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O AUTOEXÍLIO DE BELCHIOR: ENTRE O ANDAR CAMINHO ERRANTE E O DESAPARECER NA CIVILIZAÇÃO¹

Ubiratan Pereira de Oliveira²

Enquanto tento encontrar uma forma de iniciar uma mínima articulação entre o tema que vou me debruçar, escuto os acordes iniciais da música Ypê³, com um coral feminino no estilo clássico emoldurado por violões que introduzem o canto torto de Belchior que parece ressoar uma cúmplice, instigante e singular harmonia. Entre os sons acordes e arranjos, as palavras parecem ganhar formas que desafiam as fômas, com elementos que por vezes passam desatentos aos ouvidos que se atrevem a ir além da experiência auditiva, principalmente em tempos de efervescência do streaming, que apesar de facilitar o acesso à uma multiplicidade de artistas e suas composições, reduzem a qualidade da fruição e os enigmas que não cabem nos bits e na compressão exigida pelas plataformas que acostumamos a ouvir.

Entre os versos que parecem ter sido desenhados, Belchior canta: “A mente quer ser, mas querendo e(R)ra/ Pois só sem desejos é que se vive o agora”. Antes, porém, faz referência à um rio que corre parado e à uma dançarina de pedra que evolui, interpassando uma noção de suspensão do tempo de quem contempla uma obra de arte, mais exatamente o pé do ipê. Mais adiante, floresce na composição um jogo de palavras que faz um duo com o verso acima, mas enfatizando algo que nos interessa: “A gente quer ter, mas querendo e(R)ra/ Pois só sem desejos é que se vive o agora”.

Depois de ouvir algumas vezes a música, de ir ao streaming e finalmente apreciar o encarte amarelado do LP, me deparo com algo incomum, descrito por Jotabê Medeiros como uma “construção espacial, um duplo twist carpado de palavras e significados móveis que o compositor relaciona por meio de setas e atalhos”

¹ Texto trabalhado na mesa *Eros, erro, errâncias* do XI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XVII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.

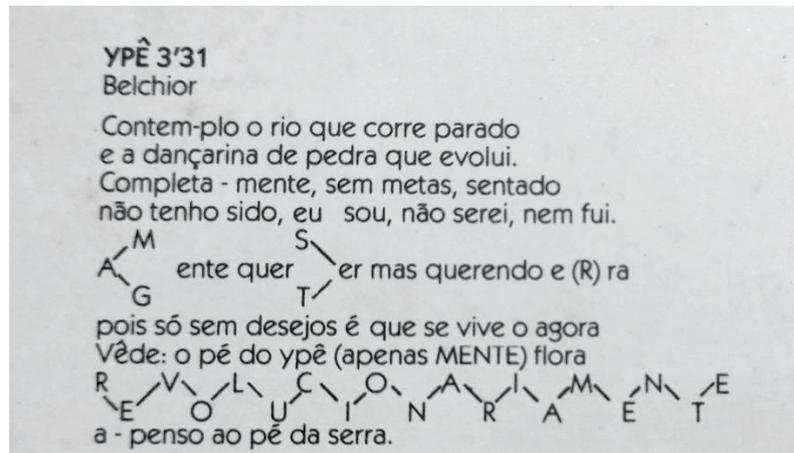
² Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco na linha de pesquisa Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, sob a orientação da Profa. Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros. Bolsista da CAPES, a quem agradeço o apoio no desenvolvimento da pesquisa.

³ A música Ypê foi composta por Belchior e integra o álbum Objeto Direto, lançado em 1980.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

(MEDEIROS, 2022, p. 02). Tive então a convicção de que Ypê era a forma mais propícia para falar da errância em Lacan.... Para falar de Eros, erro e errância em Belchior... Para tentar elucidar o enigma do desaparecer na civilização... E finalmente, para falar de como o ipê pode ser representativo do movimento de Eros na civilização.



No início do Seminário 21, Lacan nos provoca quando desliza entre a identidade fonemática do título em francês *Les non-dupes errent* (Os não-tolos vagueiam) e *Les noms du père* (Os nomes do pai). Se referindo ao que define como “as riquezas da língua” (LACAN, 1973-1974/2016, p. 12), afirma que o equívoco trazido pelos dois termos homófonos amplia os sentidos, mas é unívoco ao tratar do mesmo saber: “é o mesmo saber no sentido em que o inconsciente é um saber com o qual o sujeito pode decifrar” (op. cit., p. 12).

Mais adiante, ao estabelecer relações entre a errância e uma dimensão itinerante, de vaguear pelos territórios, algo que aponta para a ordem de um enigma, revela que “o enigma é o cúmulo do sentido” (op. cit., p. 13). Fiquei a pensar sobre esta provocação, paradoxal em uma primeira leitura, mas que vai fazendo ressonância a partir do momento que nos permitimos decompor, recompor ou reinventar as dimensões da palavra, em um movimento de deslocamentos do significante. Cheguei ao cúmulo de duvidar que além de significar uma espécie de auge, de grau máximo ou de atingir o ponto mais elevado, que o ‘cúmulo’ pode ser algo que “vai além do admissível” ou mesmo “um conjunto de coisas sobrepostas ou amontoadas”⁵. Fui atravessado por esse amontoado de enigmas que o autoexílio de Belchior evidencia.

⁴ Encarte do LP Objeto Direto, Belchior, 1980.

⁵ Verbete pesquisado no Michaelis - <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cumulo>

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Ao longo de aproximadamente dez anos (2007-2017), o artista decide fazer deslocamentos por territórios, optando por desaparecer na civilização tão cantada nas suas canções. Parecia querer vaguear como um rapaz latino americano, fugindo da “fúria das cidades grandes”⁶. Depois da sua morte, foi possível identificar alguns dos seus trajetos, que foram produzindo ressonâncias diversas e depoimentos impactantes dos que cruzaram o seu caminho.

Se com Lacan temos o enigma como algo que pode ser representado como o cúmulo do sentido, penso que em Belchior, o autoexílio se coloca como o cúmulo do enigma, evidenciando certamente uma complexidade de questões sobrepostas ou amontoadas que perpassam a vida do artista, sua obra, a relação com o público, além de questões que podem ir além do admissível, se nos determos à definição do dicionário Michaelis. Ou do compreensível por nós que tentamos construir essa imensa colcha de retalhos, traçando as paralelas de quem parece ter realmente escancarado as portas do sertão da sua solidão.

Retomando o nosso itinerário e ainda no enigma etimológico que atravessa o título do Seminário 21, Lacan aponta que o verbo *errar* em francês resulta de uma convergência que vai trazer uma relação com o verbo *iterare*, que quer dizer viagem. Ao tempo em que *iterare* também aponta uma polissemia que pode ser entendida por repetir (de *interum*, *re*). Entre erros, viagens e repetições, Lacan vai trabalhando as amarrações possíveis nas quais o ser falante habita o mundo, enfatizando que podem existir diversas e variadas formas de se fazer o nó borromeano (LACAN, 1973-1974/2016).

Em Belchior, a dimensão errante da repetição, se enrosca com os riscos traçados em suas jornadas, em seus itinerários, nas rotas que o delineiam, mas não o limita. Diante dos enigmas e deslocamentos, tenho questionado o que o movimento do autoexílio e de desterritorialização de Belchior pode nos dizer sobre a errância. Qual tentativa de amarração ou invenção seria possível de pensar a partir de um autoexílio tão singular?

Ao longo da sua vida, é possível perceber caminhos e rupturas que configuraram cenários bem diferentes. Basta dizer que ainda adolescente, o Frei Sobral conviveu com a rígida rotina do convento capuchinho, um refúgio espiritual onde a restrição

⁶ Referência presente na canção Voz da América, Belchior, 1978.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

atravessava jejuns, confisco de documentos pessoais, roupas e demais pertences. Foram três anos de um exílio interrompido de forma brusca pelo desejo de retomada da convivência familiar e posteriormente a dedicação aos bancos do curso de medicina, que passou a frequentar. Em paralelo aprofunda suas vivências culturais deslizando entre a literatura, a poesia e a música, despertando cada vez mais o seu valor artístico. No quarto ano e com a carreira musical como uma aposta, Belchior abandona o curso de medicina e parte para outra viagem, desta vez para o Rio de Janeiro, palco onde começa a despontar como um dos grandes nomes da sua geração da MPB (MEDEIROS, 2017).

Em suas composições, várias passagens são autobiográficas e retratam as angústias de um coração que ele próprio denominou de selvagem, mas que em algum momento pode ser sinônimo de errante, de itinerante, de quem decide deixar de lado a certeza, conforme podemos observar na composição *Coração selvagem*:

Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão
O meu som e a minha fúria e essa pressa de viver
E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza
E arriscar tudo de novo com paixão
Andar caminho errado pela simples alegria de ser⁷

Andando caminho errado, vagueando pelo mundo, o *iterare* se repete ao longo dos mais variados percursos em Belchior. “É bem por isso que o cavaleiro *errante* é simplesmente um cavaleiro *itinerante*” (LACAN, 1973-1974/2016, p.20), afirma Lacan quando nos ajuda a ir além do *erre*, apontando para o erro radical, que remete ao saber inconsciente. Do desamparo do nascimento ao irrepresentável da morte, somos passageiros, atravessando este *iterare* no horizonte do *viator*. Segundo Lacan, nesta viagem,

[...] o desejo – como se traduz impropriamente -, é, estritamente, durante toda a vida, sempre o mesmo. Simplesmente, das relações de um ser particular, em seu surgimento em um mundo em que já é esse discurso que reina, ele é perfeitamente determinado quanto ao seu desejo, do início até o fim” (LACAN, 1973-1974/2016, p.25).

⁷ Trecho da música *Coração Selvagem*, Belchior, 1977.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Essa estrutura não dá o braço a torcer, apesar do tolo insistir na queda de braço. Retomando a composição Ypê, esta passagem me faz pensar no verso após o trocadilho entre mente/gente ser/ter, quando Belchior afirma: “pois só sem desejos é que se vive o agora”. O tolo seria aquele que se recusa a vaguear pelos circuitos de desejo? Viver o agora seria de alguma forma ser tolo da estrutura, cair na armadilha e se recusar aos tropeços que o saber inconsciente impõe ao sujeito, recusar o único patrimônio que lhe cabe. Enquanto para o não-tolo “o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente”⁸, pois já seria outra viagem, como compôs Belchior. Arrematando com Lacan, o não-tolo desliza de forma mais louca e faz “flutuar um pouquinho mais acima da noção, de sempre, da viagem daqueles que não são tolos do inconsciente, isto é, que não fazem todos os seus esforços para se colarem nele, que não veem a vida a vida senão pelo ponto de vista do *viator*” (op. cit., p.25).

É importante pensar que a partir de singulares amarrações, ou mesmo da falta delas, a errância pode ressoar em perspectivas diversas, principalmente no mundo contemporâneo onde as transformações culturais e tecnológicas trazem novas configurações do laço social, marcados por uma escassez simbólica, que ressoa em formas de agir e de se deslocar no mundo. No entanto, “a errância, concebida como um caminhar que não leva a lugar nenhum, portanto desprovida de sentido, num risco permanente de dissociação e dessubjetivação, pode consistir num modo de existência e de funcionar, talvez necessário ao ato de criação” (QUEIROZ, BARROS & MELO, 2019, p. 197).

Enfatizo a citação das autoras de pensar a errância que coloca o sujeito a vaguear por territórios como algo que pode apontar para o ato da criação. Penso que talvez esta dimensão possa dialogar com o autoexílio de Belchior. Para além da produção musical que o consagrou, o artista passou a investir seu potencial criativo em pinturas, autorretratos e desenhos, chegando a realizar exposições e apresentar projetos musicais onde esta outra expressão artística parecia se sobressair. Este aspecto ganhou pouca visibilidade em sua trajetória, mas se sabe que o acompanhou até os últimos momentos do autoexílio. Ao contrário da sua produção musical, que pelos relatos das pessoas que o acolheram nos seus diversos deslocamentos, era deixada totalmente fora do cotidiano do artista, tanto nos momentos mais íntimos, como na presença de pequenos círculos sociais muito restritos que pontualmente acontecia.

⁸ Verso de Coração Selvagem, Belchior, 1977.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Não são questões de fácil entendimento, ou de um sentido único ou universal. Talvez possamos retomar as metáforas e significantes tecidos (ou floridos) por Belchior em Ypê, citados no início deste texto. Contemplar um rio que corria parado e ao mesmo tempo uma dançarina de pedra que evoluía fez com que o artista de canto torto pudesse, em seu tempo musical (se assim podemos categorizar), cortar a carne de quem o ouvia. O ipê é bem representativo para dimensionar as invenções, deslocamentos e rupturas de quem tinha pressa de viver, mas que fez do seu último tempo uma suposta suspensão. Para Le Breton “A errância é a tentativa de parar o tempo controlando o espaço [...] A impossibilidade de habitar o tempo e de nutri-lo com projetos impõe agarrar-se ao espaço deslocando-se de um lugar para o outro” (LE BRETON, 2018 p. 88). Todavia, não se pode afirmar que Belchior controlava o espaço, seus deslocamentos e alguns dos seus caminhos. Não se despir dele próprio durante o autoexílio, pode nos dizer algo.

Traçar as paralelas das estradas nuas percorridas por Belchior, expressa a necessidade de discutirmos outras expressões do sofrimento psíquico, com os contornos contemporâneos do mal-estar que é inerente à condição humana e que pode atravessar os sujeitos errantes que vagueiam em busca de uma possibilidade de reinvenção.

Neste sentido, pode-se dizer que “o erro liberta da tirania do normal. A pulsão de vida é a parte do erro introduzida na pulsão de morte” (BRIOLE apud SOARES, 2016, p. 25). Para quem cantou que é através da alucinação que se suporta o dia a dia, construindo um estilo próprio que foge dos *standards* musicais e estéticos, se permitindo errar, o autoexílio pode ter sido a tentativa de criação introduzida em um cenário cada vez mais massificado do mundo cultural. Se a pulsão de vida pode ser entendida como o sopro do erro na pulsão de morte, pensar o ipê apenso ao pé da serra, que floresce com a exuberância de cores para depois alimentar o próprio solo, é também imaginar a insistência de Eros em uma civilização que como cantou Belchior, “extermina os miseráveis, negros párias, teus meninos”⁹!

Referências

⁹ Trecho da canção Bahiuno, Belchior, 1993.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

LACAN, Jacques. (2016). *Os não-tolos vagueiam*. Seminário 1973-1974. Espaço Moebius Psicanálise, Salvador.

LE BRETON, David. (2018). *Desaparecer de si – uma tentação contemporânea*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes.

MEDEIROS, Jotabê. (2017). *Belchior-Apenas um rapaz latino-americano*. Editora Todavia SA.

_____. Jotabê. (2022). *A história por trás da canção: Ypê de Belchior floresce em SP*. Farofafá Música. < <https://farofafa.com.br/2022/08/01/a-historia-por-tras-da-cancao-ype-de-belchior-floresce-em-sp/>> Acessado em Julho de 2024.

QUEIROZ, Edilene. F., BARROS, Paula. C. M. & MELO, Maria. F. V. (2019) A errância do desejo em manifestações clínicas na atualidade. In: *Psicologia Clínica nas Fronteiras – saúde, educação e cultura*. Maria Consuelo Passos, Marisa Amorim Sampaio (orgs.). Curitiba: CRV.

SOARES, Ana.C.M. (2016). *Para além do erro, a errância*. [Tese de Doutorado Universidade federal do Rio de Janeiro] – Repositório da UFRJ. <chrome-extension://efaidnbmninnibpcjpcglclefindmkaj/https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Tese-de-Doutorado-Ana-Claudia-Marinho-Soares.pdf>